



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**BIANCA DE BRITO ALVAREZ**

**HISTÓRIAS DE VIDA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE  
OBRAS DE ARTE NA ARTE EDUCAÇÃO**

**Brasília  
2016**

**BIANCA DE BRITO ALVAREZ**

**HISTÓRIAS DE VIDA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE  
OBRAS DE ARTE NA ARTE EDUCAÇÃO**

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura.

**Brasília**

**2016**

Universidade de Brasília (UnB)  
Instituto de Artes (IdA)  
Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-Arte)  
Licenciatura em Artes Plásticas

Banca examinadora composta por:

Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves (Presidente)  
Profa. Dra. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez (Examinadora)  
Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira (Examinador)

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte.  
Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900.  
Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

BIANCA DE BRITO ALVAREZ

HISTÓRIAS DE VIDA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE OBRAS  
DE ARTE NA ARTE EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado.

Banca Examinadora:

Brasília - DF, 16 de Março de 2017.

---

Profª. Dra. Lisa Minari Hargreaves

IDA/UnB - Orientadora

---

Profª. Dra. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez

IDA/UnB - Membro

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

IDA/ UnB – Membro

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos meus guias espirituais. Vocês me salvam e me fazem entender que o amor sempre deve ser a base de tudo. Também a todas as pessoas que tornam a minha vida tão boa de ser vivida que me inspira a criar

Agradeço imensamente à minha orientadora Lisa Minari pelas orientações incríveis que só me inspiravam e conseguiam libertar tudo em que acreditava na minha escrita. Agradecimentos jamais serão suficientes.

À minha mãe, Sara Brivarez, por ter limpado as minhas lágrimas de desespero quando eu estava perdida, por ter dito as coisas certas e destrancado diversas soluções para os meus problemas. Por ser uma pessoa tão cheia de amor, tão iluminada e inspiradora, que só consegue me fazer saltar de alegria e orgulho todos os dias por ter uma pessoa tão maravilhosa e incrível como mãe. Também agradeço ao meu pai, Anderson Decavê, o único pai que eu tenho. Como eu sou grata de ter um pai que me apoie tanto nas minhas maluquices, que me ajudou a ser o que eu sou hoje, meus valores e personalidade. Aquele que me incentivou para que eu não desistisse dos meus objetivos. Pela sua sabedoria, lealdade, piadas sem graça, seus argumentos arrastados, suas vivências e por ser você, apenas você. Muito obrigada pelo apoio na vida, isso já é tão lindo e significativo. Agradeço às minhas irmãs, Sabrina e Bruna, pela paciência e amor, por terem me acolhido com tamanho conhecimento e pelas colaborações indiretas para a construção deste trabalho.

Sou muito grata ao meu parceiro Valdinei, por ter sido como um coorientador neste trabalho e na vida; por ter me dado tanta força e apoio em um dos meus maiores desafios; por ter me dado cada vez mais motivos para te admirar e amar cada vez mais.

Muito obrigada aos meus amigos Jessyca Rodrigues, Felipe Souza e Fernanda Carolina por terem me aguentado, me escutado e entendido que não estava sendo fácil. Foi muito importante o apoio de vocês nesse processo. Também a todos que colaboraram na construção do meu objeto.

Por fim, agradeço aos meus queridíssimos e maravilhosos professores que conheci e encontrei durante essa jornada. Primeiramente, à professora mais incrível, que me inspirou para contar essas histórias: a professora Déli, do ensino fundamental I (antiga 4ª série), por ter sido tão afetiva e atenciosa. Eu te amo tanto, professora. Também agradeço às professoras Lisa Minari, Therese Hoffmann, Luisa Gunter, Graça Cantanhede e Sara Brivarez, e aos professores Valdinei Bezerra e Marcos Mendes. Vocês são incríveis.

## RESUMO

Esse trabalho consiste na ideia de utilizar as histórias de vida como ferramenta para trabalhar diversas temáticas abordadas em sala de aula e, através delas, construir obras artísticas autobiográficas. Com o intuito de aproximar os discentes do que é proposto pelo Currículo em Movimento do Governo do Distrito Federal.

O trabalho traz uma narração que será utilizada como um meio de ligar o assunto principal (histórias de vida na educação) com as experiências pessoais da autora, além de explicar o que seria a história de vida e sua relevância para os nossos aprendizados. Também é pautada uma relação de artistas que produzem por meio das suas memórias e como as histórias de vida se manifestam em documentos educacionais. Por fim, é construído um livro de artista que traz uma abordagem autobiográfica da própria autora, trazendo elementos que demonstram o seu processo de desenvolvimento que aconteceu nessa própria escrita.

Palavras chaves: *Autobiográfico, história, vida, arte, educação.*

*“Trago dentro do meu coração,  
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,  
Todos os lugares onde estive,  
Todos os portos a que cheguei,  
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,  
Ou de tombadilhos, sonhando,  
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.”*  
(Fernando Pessoa)

## Sumário

<b>Introdução – Orientações para um leitor desavisado .....</b>	<b>09</b>
<b>Ligações .....</b>	<b>11</b>
<b>Pés sujos de terra vermelha .....</b>	<b>12</b>
<b>Libertando memórias .....</b>	<b>18</b>
<b>Acepção.....</b>	<b>31</b>
<b>Considerações Finais– A guerra e o grito na gaveta .....</b>	<b>34</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>36</b>
<b>Referências Eletrônicas.....</b>	<b>36</b>



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 – Bianca Brivarez – Livro de artista “Acepção”.....</b>	<b>13</b>
<b>FIGURA 2 – Santo São Franscisco de Assis, obra “Acepção” de Bianca Brivarez...17</b>	<b>17</b>
<b>FIGURA 3 – Capa do álbum “Joanne”, da cantora Lady Gaga, 2016.....18</b>	<b>18</b>
<b>FIGURA 4 – Bianca Brivarez (2016). Acepção. Livro de artista. 49 páginas.....19</b>	<b>19</b>
<b>FIGURA 5 – Leonilson (1992). O perigoso. Pingo de sangue e tinta preta sobre papel. 30,5cm x 23cm.....20</b>	<b>20</b>
<b>FIGURA 6 – Frida Kahlo (1939). As duas Fridas. Tinta a óleo sobre tela. 1,73cm x 1,73cm.....21</b>	<b>21</b>
<b>FIGURA 7 – Frida Kahlo (1944). A coluna partida. Tinta a óleo sobre tela.....22</b>	<b>22</b>
<b>FIGURA 8 – Cláudia Tavares (2010). Averso. Impressão em papel de algodão com pigmento mineral. 100cm x 70cm.....23</b>	<b>23</b>
<b>FIGURA 9 – Imagem retirada do documentário “Elena” de Petra Costa (2012).....24</b>	<b>24</b>
<b>FIGURA 10- Bianca Brivarez (2016). Acepção. Livro de Artista. 49 páginas.....26</b>	<b>26</b>
<b>FIGURA 11 – Bianca Brivarez (2016) Criado Mudo.....31</b>	<b>31</b>

## **INTRODUÇÃO – Orientações para um leitor desavisado**

As histórias de vida são acontecimentos que surgem desde o nosso primeiro contato com o mundo, com uma sociedade que apresente culturas e valores, com um ambiente, pessoas as quais trazem histórias pessoais que podem ser compartilhadas e etc. Segundo John Dewey (1967), a partir desse momento, naturalmente temos uma porção de experiências que trarão significações e aprendizados, porém, com o tempo, começamos a selecionar essas experiências para as mais significativas e as que, adquirindo mais experiências, poderão ser ressignificadas.

O objetivo deste trabalho é mostrar que a memória dessas experiências podem ser utilizadas em sala de aula para a construção de obras de arte, tendo em vista de que diversos artistas como Frida Kahlo, Leonilson, Cláudia Tavares, entre outros, utilizam-se de memórias e experiências do passado para reproduzir suas obras.

A ideia dessa pesquisa surgiu em uma experiência pessoal vivenciada em sala de aula. Lecionando artes em uma escola de educação infantil, reparei que os alunos sentiam uma necessidade natural de contar as próprias memórias e vivências em suas obras de arte. A partir disso, questionei-me o que seriam e de onde surgiam essas histórias, se elas eram relevantes para o aprendizado e como atrelar essas vivências com os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

Refletindo sobre o meu próprio processo educativo na educação básica, recordei-me que dificilmente conseguia deixar de associar a minha história de vida com os meus aprendizados e que todas as vezes em que fiz isso, recordava-me com muito mais facilidade de conteúdos significativos para o meu desenvolvimento. Afinal, Paulo Freire não estava errado quando dizia que a educação deveria impregnar de sentido o que vemos a cada instante. Ou seja, as minhas memórias trazem sentido ao que aprendi.

Pensando nisso, este texto contendo a minha história serve como uma ponte para conhecimentos mais complexos, como a teoria de Vygotsky segundo a qual podemos construir zonas de conhecimento para a nossa aproximação de um aprendizado específico e, conseqüentemente, para o desenvolvimento (Oliveira, 1993). Isso não ocorreria apenas para aprendizados, mas para desenvolver obras de arte na escola que fossem de intuito autobiográfico. Dessa forma, o estudante aprende, desenvolve obras a partir da sua

história e também pode ser um colaborador da história da arte (HERNÁNDEZ, TOURINHO & MARTINS, 2006).

Porém, durante a escrita desse trabalho, foi inevitável fazer uma profunda reflexão sobre a minha própria história como indivíduo e estudante. Afinal, seria o fim de um ciclo na universidade, despedidas de amigos, de “locais preferidos para ler um livro”, de beijos, de abraços, de emoções. A maneira encontrada para ilustrar essa escrita foi ligar os acontecimentos da minha própria vida como uma conversa, uma despedida, mesclando com tudo o que estudei para defender essa teoria. Dessa forma, o texto está em um formato narrativo e se torna uma amostra do que seria o meu raciocínio durante o meu aprendizado para a construção desse trabalho.

Além da mesclagem da narrativa com o conteúdo, também foi construído um livro de artista que representa essa jornada e ilustra o que o texto propõe: as histórias de vida podem ser ferramentas para a construção de obras de arte na arte educação. O livro vem como uma maneira de apropriação e reconstrução dessas memórias, além de abordar ideologias manifestadas durante a pesquisa.

A composição desta monografia é organizada em 4 capítulos, sendo o primeiro apenas uma ilustração do início da nossa narração. O segundo capítulo explica o que seria a história de vida e sua relevância para os nossos aprendizados. O terceiro capítulo faz uma relação de artistas que produzem por meio das suas memórias e como as histórias de vida se manifestam em documentos educacionais. O quarto capítulo é o livro de artista como uma exemplificação dessa teoria e como foi sua construção. Por fim, há as considerações finais e a nossa despedida.

Nesse instante, espera-se que deguste dessa leitura com muita atenção e amor, da mesma maneira como esta escrita foi construída.

## Capítulo 1 – Ligações

Era outubro e eu estava carregando mil livros e ideias na minha cabeça. Havia dezenas de trabalhos para serem feitos de modo a alcançar o tão desejado diploma. Andando entre as árvores da universidade, com uma mochila pesada, fazia um calor de 35° com sensação térmica de 40°, era cedo, mas eu só pensava em ir pra casa. Nas árvores, algumas cigarras já começavam a sair da casca; no chão, reparo que uma delas não havia conseguido se libertar. Não havia finalizado a sua metamorfose.

Olhando para aquele ser aprisionado, recebo a ligação de que você havia partido, sem nem mesmo se despedir. Resolveu apenas ir. Sua irmã disse que você só queria ver Benedito, mas não deu tempo dele chegar, então você resolveu ir e seguir sua jornada. Eu sempre soube que você não gostava de despedidas, mas foi muito doloroso saber que eu não pude nem dizer o que você significava pra mim.

Tantas coisas pra dizer e que não foram ditas. Eu sinto falta de lembranças que eu não tive, mas sua partida me trouxe tantas memórias que essas palavras e esses momentos me fazem falta. Não tínhamos ligações genéticas ou sanguíneas, mas temos uma ligação pessoal, uma história juntos.

## Capítulo 2 – Pés sujos de terra vermelha

Naquele dia, nós ouvimos da sua irmã que nossa vida era curta e que deveríamos viver mais, amar mais e fazer tudo aquilo que ficou na vontade, que o tempo passaria e as oportunidades apareceriam, mas iriam embora se deixássemos. Nesse exato momento, o aperto da saudade é tão intenso que eu estou deixando todo o tempo e todas as oportunidades escorrerem pelos dedos.

Eu queria te falar que eu não pude aparecer pra me despedir porque eu estava tentando escrever o trabalho final do meu curso, mas o meu medo do futuro era tão grande que eu só conseguia fazer faxina na minha casa. A minha cabeça tentava fazer com que o simples fato de a casa estar limpa já era suficiente pra encarar a falta que você fazia, mas a folha em branco ainda me perturbava.

E quando a casa ficou completamente limpa, e não existia mais nenhuma desculpa, eu li o resto do texto da Maria Cristine-Josso sobre as transformações a partir das histórias de vida (2007) e me recordei das diversas vezes em que tentamos contar a nossa própria história em sala de aula, mas tudo precisava ter um rótulo, um tema; nada é sobre nós e, quando é, devemos falar de outra pessoa pra nos representar. Talvez seja por isso que não estava conseguindo escrever o trabalho, pois tinha receio de que eu não poderia falar sobre a minha vida.

Lendo o texto, imaginei como seria possível interligar a minha história com tudo o que já produzi na escola e reparei que eu já não lembrava nem da metade das coisas que aprendi, muito menos dos trabalhos que fiz; vinham-me tantas histórias e aprendizados, mas nenhuma se referia ao que eu estava aprendendo na aula ou naquele ano.

Se eu quero falar sobre histórias de vida, começarei pelo início, não no nosso primeiro dia de aula, mas no nosso nascimento. A partir do momento em que nos constituímos seres humanos, temos contato com uma família, com uma comunidade, um espaço de vivências, uma cultura ou um mínimo de contato com o mundo. O simples fato de existirmos já nos constitui como um ser produtor de histórias de vida e, conseqüentemente, de memórias.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação. (JOSSO, 2007, p.07)

Repousando o texto da Marie Cristine nos joelhos, recordo-me de quando nós éramos crianças, morávamos em uma cidade no interior de Goiás. A nossa rua não era asfaltada, então os nossos pés ficavam o dia todo sujos de terra vermelha. Quando era fim de tarde, corríamos para casa para tomar banho e assistir desenho animado. Minha mãe sempre limpava o piso da casa em um mesmo horário, mas o desespero pelo desenho era tão grande que saíamos correndo e sujando todo o chão com os pés tingidos de vermelho. Ela ficava tão brava, soltava um berro alto: “JÁ FALEI PRA NÃO FAZER ISSO!”, mas era sempre assim.



**FIGURA 1 – Bianca Brivarez<sup>1</sup> (2016). Acepção. Livro de artista. 49 páginas.**

O que mais me agradava nessa época era quando íamos pegar doces de São Cosme e São Damião, conseguíamos encher várias sacolinhas de doces. Foi muito frustrante quando me mudei e você continuou morando no Goiás e aproveitando com outras pessoas esses costumes que tínhamos; nossos caminhos se separaram, mas a história continuou sendo escrita.

<sup>1</sup>: Nome artístico da autora da pesquisa.

Aqui em Brasília já não tinha esse costume do dia de São Cosme e São Damião. Até parecia que, assim que eu me mudei daí, os costumes pararam também. Foi o fim de uma parte da minha história, mas essas memórias ficaram e eu só fui entender seu verdadeiro significado e os motivos para elas mexerem tanto comigo a partir do momento em que entendi o que era uma memória.

Quando seu corpo se desloca sobre uma superfície terrosa e os seus passos são impregnados por partículas do solo, você deixa marcas. Pequenos rastros de poeira com o formato e o ritmo do seu caminhar. Essa porosidade que marca seus passos carrega não apenas as características físicas do solo, mas principalmente as impressões do local que foi percorrido. Essas impressões estabelecem memórias, lembranças como o vestígio da poeira dos seus passos. Que constituem uma rede intrincada de imagens, fatos inerentes à memória que parece tão frágil, quebradiça e porosa. (OTANÁSIO, 2015, p. 09)

Assim como a afirmação de Pâmella Otanásio, as nossas memórias são os pés sujos de lama que carimbavam o piso da nossa casa no Goiás. Impregnaram-me, mas também conseguem impregnar as outras pessoas, deixar marcas por todo lugar que eu passar, podendo até se espalhar por grandes espaços e contagiar multidões. O que quero dizer é que as memórias são flexíveis, hoje elas existem e amanhã elas podem desaparecer. A minha memória pode levar outras pessoas a questionamentos e profundas reflexões.

As memórias dessa cidade ainda existem na minha cabeça, na da minha mãe e em você. E podem ser contadas diversas vezes e de diferentes formas, que continuarão existindo. Quando cheguei a Brasília, parecia que tudo havia acabado, porque uma nova vida havia se iniciado e, na nova cidade, novas memórias foram construídas, algumas foram esquecidas, outras ressignificadas, compartilhadas e etc.

Como é possível vivermos tanto tempo em um local e não conseguirmos nos lembrar do que aprendemos, mas mesmo assim ter essas memórias? Na época do colégio, só consegui reparar que eu sempre chegava e ia embora de lá, o trajeto era o mesmo todos os dias. E que, de vez em quando, no caminho, passando ao lado de dois amontoados de entulho, encontrávamos alguns mini tesouros, uma fotografia de um estranho, um pingente quebrado, e adotávamos aquele objeto por poucas horas, pois chegando em casa a minha mãe sempre fazia questão de jogá-lo no lixo. Quando mudamos para outro colégio e, conseqüentemente, o caminho se alterou, já não havia entulho pela estrada, mas havia pés de amora que nos saciavam quando a fome no horário de almoço apertava. As

mãos já tinham as cores quase permanentes de roxo-avermelhado que a amora expelia. Isso fez com que o caminho se tornasse diferente e especial.

Esse era o caminho que fiz pra construir a minha própria história. Não eram todos os dias que eram especiais, não havia amora todos os dias ou os tesouros perdidos pelo caminho. Alguns dias começavam e acabavam sem trazer nada de diferente.

Segundo Chizzoti (2014), há uma seleção natural de cada pessoa para determinar relevância dessas memórias, pois elas são contextualizadas com o momento. Por isso, essas memórias não serão necessariamente vividas pelo autor, podendo ser acontecimentos passados, testemunhados e até que ainda não foram registrados (como deduções e do seu imaginário).

Desses dias que passaram, eu quase não consigo me recordar. É uma parte da história que é esquecida por falta de acontecimentos relevantes para o nosso desenvolvimento. Afinal, selecionamos aquilo que queremos lembrar e que são relevantes para o nosso raciocínio e processo.

Recordo-me de uma aula que tive na universidade em que a professora pediu para listarmos todas as coisas que nós sabíamos. Parece simples, mas na realidade foi uma tarefa muito complexa, pois a minha listagem se dividia em: “coisas que eu sabia, mas não sabia de onde tinha aprendido”, “coisas que eu sabia” e “coisas que eu sabia que tinha aprendido em algum momento da minha vida, mas eu já não me recordava mais do que se tratava”. Como quando aprendi a ler e a escrever, por exemplo, eu sei que foi na escola que aprendi, mas respirar, amar, chorar, julgar e etc., eu não sabia de onde tinham saído. Algumas fórmulas matemáticas, por exemplo, eu me recordava que em algum momento havia gastado tempo pra aprender, mas já não sabia o que era.

Então, entendi que essas memórias são relevantes de acordo do peso de sua experiência. Segundo John Dewey (1967), existem dois tipos de experiência: a natural, que acontece sem que percebamos (no caso respirar, amar, chorar e etc.) e a experiência que é refletida, chegando a apresentação consciente (DEWEY, 1967, pp. 14-15). A experiência natural é uma base para a experiência raciocinada, uma depende da outra para construir uma nova experiência. As experiências esquecidas só precisam ser raciocinadas e ressignificadas para serem inseridas em sua nova realidade.

Porém, a experiência humana só existe se vivemos. Parece algo banal ao ser dito assim, mas, segundo os Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio (PNCEM, 2014), a escola atual trata o conhecimento como apenas sendo o compartilhamento de teorias, excluindo o que é vivido pelo aluno. Dewey (1967) afirma que não se pode



separar a vida e a educação, pois o ser humano não está se preparando pra vida e em outro momento vivendo. A vida traz histórias, que trazem experiências, que fornecem materiais e a direção para as experiências atuais. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos.

Antes que eu me arrependa, eu quero te dizer que eu te escrevi para que você entenda que eu não posso mudar o meu passado, mas posso tentar buscar essa resposta agora. Posso colocar a nossa história no meu trabalho e dizer que é possível falarmos sobre nossa vida e aprendermos, nos expressarmos e desenvolvermos o nosso lado cognitivo.

Para falar da minha vida, eu preciso falar da nossa relação, da minha relação com o outro. O estudioso Vygotsky acredita que o ser humano constitui-se enquanto a sua relação com o outro social (TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, 1992, p. 24), ou seja, a vida se faz da colaboração do outro que constrói memórias e aprendizados.

Logo, a história de vida é composta por lugares, culturas, pessoas e as suas influências (meio social), além da construção da cognição de um indivíduo para ocorrerem suas transformações. Indo além, podemos perceber que a escola é um local de transformações cognitivas, pois há um local que pode mesclar culturas (tendo em vista de que a escola recebe diferentes pessoas de diversos locais), há influências de pessoas e a construção da cognição.

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto as problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações (OLIVEIRA, 1997, p.02)

As escolas pelas quais passamos eram locais sociais, recordo-me de que sempre nos víamos lá. Você se lembra da professora de Ensino Religioso do 6º ano, que nos ensinou os nomes dos santos católicos e as suas histórias, e no fim da aula sempre sorteava R\$1,00? Um dia nós dois ganhamos dinheiro e compramos um lanche na hora da saída, fiquei tão empolgada que esqueci a mochila com todos os materiais na sala de aula. Lembro-me de tudo que ela ensinava, não pelo dinheiro no final, mas cada aula era única. Ela nos envolvia com as histórias e sempre relacionava com o que passávamos na nossa vida, como o São Francisco de Assis, que era o Santo protetor dos animais; a partir daquele dia, eu rezava todas as noites para os meus cachorrinhos e para todas as pessoas

que eu amava, eu pensava que, se ele gostava de cachorrinhos, gostaria da minha família e protegê-los-ia também.



**FIGURA 2 – Bianca Brivarez (2016). São Francisco de Assis. Livro de artista. 49 páginas.**

Todas as nossas lembranças daquelas épocas são tão mínimas, mas reparo que elas me constituem como pessoa e ser social. Elas definem o meu caráter, tudo o que tenho conhecimento, minha cultura e como eu lido com o outro. Eu sou o que eu consigo me recordar do meu passado e das nossas relações e estou em constante transformação.

O que me entristece na nossa despedida é que, se eu sou essas memórias, então eu sou saudade. Pois toda vez que eu me recordo, o meu corpo responde e eu me sinto pela metade. Imagino que seja por isso que o Chico Buarque diz naquela música “Oh pedaço de mim, oh metade afastada de mim”, é que estou sempre incompleta. Pois tudo ficou pra trás e hoje eu só sei contar histórias.

### Capítulo 3 – Libertando memórias

Hoje acordei com uma chuva intensa batendo na janela. Fiquei deitada por horas pensando em onde eu poderia encontrar você. O que eu diria? Acho que eu não sei nem por onde começar.

Sentei na beira da cama e recomecei a tentar escrever aquele trabalho acadêmico. Às vezes perco um pouco a fé no que estou dizendo, mas sempre aparecem sinais do cotidiano que insistem em me fazer continuar trabalhando nisso. Essa semana, peguei-me escutando no som do carro a música Joanne, da cantora pop Lady Gaga, e me questionei quem seria a “Joanne” de quem ela fala na música. Fiz uma breve pesquisa e descobri que o nome se referia à irmã de seu pai, que havia falecido com 19 anos. Desde o momento em que soube desse acontecimento, Lady Gaga passou a refletir sobre sua própria história e sentiu a necessidade de falar sobre ela e resgatar lembranças perdidas. Com isso, escreveu um álbum de 14 faixas sobre esse momento e retornou a vários bares que seu pai frequentou quando sofria pela perda de sua irmã. Apresentou seu trabalho como uma maneira de reconstruir essa memória.



**FIGURA 3 – Capa do álbum “Joanne”, da cantora Lady Gaga, 2016. < Fonte: <https://itunes.apple.com/br/album/joanne-deluxe/id1161516624>. Acesso em: 20 de março de 2017 >**

Assim, questionei-me novamente qual seria o propósito de se falar em histórias de vida? E em contar as nossas próprias histórias através da arte?

A minha relação com esse trabalho e com a sua perda é tão complicada que diversas vezes me pego negando essa escrita. Largo as folhas em uma gaveta e deixo de olhar lá dentro por dias. É uma luta pessoal, é como se brigássemos e eu cansasse e precisasse de um tempo pra respirar. Em uma dessas pausas, cobertas com tanta angústia, meu corpo cobrava-me tanto, parecia que eu levava uma tonelada de peso nos ombros. Ainda no carro, meu pai me contava sua infância, dizia que ele era chamado de “lavageiro” por ter trabalhado aos 12 anos alimentando porcos para conseguir dinheiro. Ele era humilhado pelos amigos e familiares por isso. Meu pai me disse que só se libertou quando escreveu um monólogo na faculdade de artes cênicas sobre sua relação com os porcos. Aquilo foi tão doloroso que, assim que apresentou e entregou à professora, saiu apagando todo o rastro que havia sobre aquele depoimento.

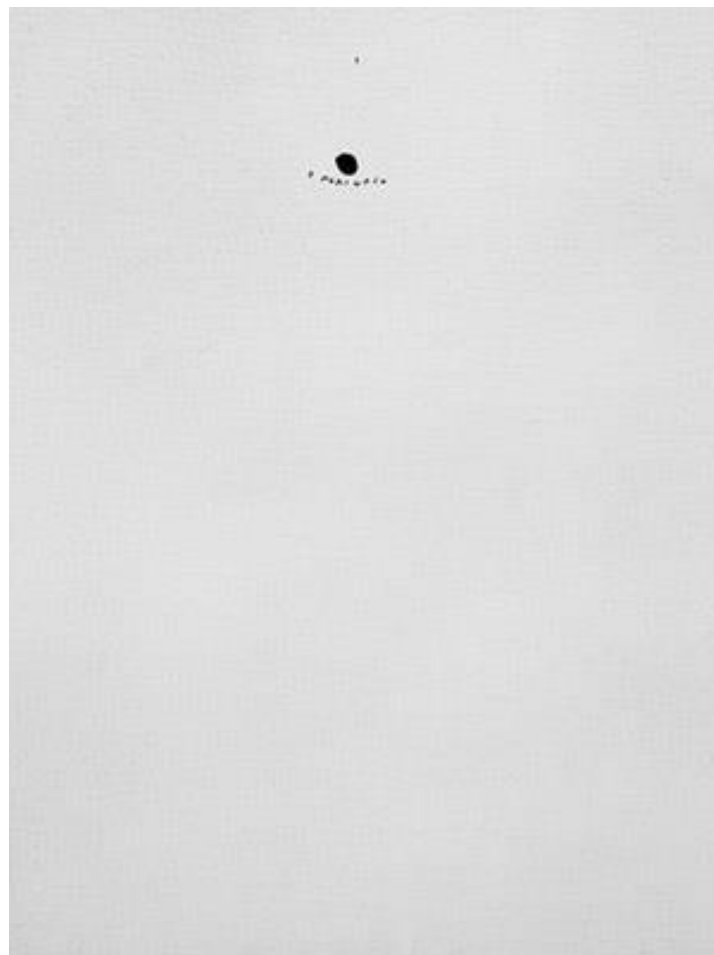


**FIGURA 4 – Bianca Brivarez (2016). O lavageiro em Acepção. Livro de artista. 49 páginas.**

Meu pai finaliza seu depoimento dizendo que a última frase de seu monólogo era: “Todos me tratam mal, mas os porcos me veem como herói”. Ele havia se libertado através da arte e entendido a sua significância para as pessoas e o ambiente de vivência.

Meu pai não soube, mas, naquele instante, sua história também havia me transformado e inspirado. Foi naquele momento que entendi que a história é apenas uma ferramenta para criar a obra de arte. E não foi só a Lady Gaga ou o meu pai que usaram desse artifício, mas vários outros.

Um deles é o artista Leonilson, que durante dez anos produziu obras autobiográficas. Cada peça é como uma página de um diário íntimo, que conta suas frustrações, amores, questionamentos e a sua relação com seus acontecimentos pessoais. Um exemplo é, em 1991, quando descobre ser portador do vírus da Aids e a sua condição repercute em sua obra.



**FIGURA 5 – Leonilson (1992). O perigoso. Sangue e tinta preta sobre papel. 30,5cm x 23cm.**  
< Fonte: [http://www.projetoleonilson.com.br/obras\\_em\\_acervo.aspx](http://www.projetoleonilson.com.br/obras_em_acervo.aspx). Acesso em 20 de março de 2017 >



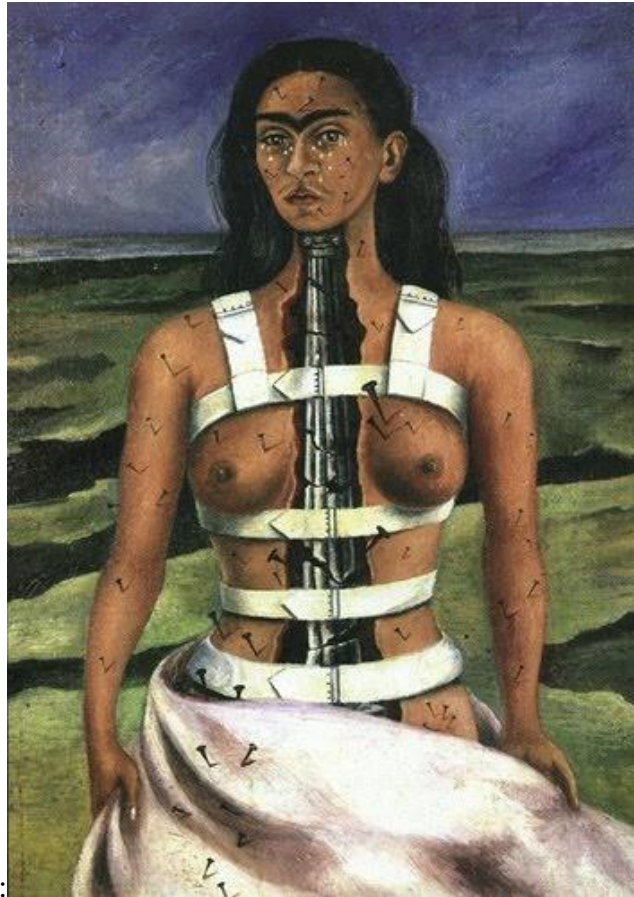
Não é somente Leonilson que fala sobre as dores que a vida nos traz, mas as obras de Frida Kahlo também. A vida de Frida não foi fácil, pois, quando tinha apenas 18 anos, ela sofreu um acidente de ônibus que a deixou de cama e muito debilitada pelas fraturas; contudo, mesmo com a movimentação limitada, Frida começou a pintar para passar o tempo. Pintava a si mesma e expressava toda a dor que sentia, além de retratar sua vida, suas paixões e resiliências.



**FIGURA 6 – Frida Kahlo (1939). As duas Fridas. Tinta óleo sobre tela. 1,75cm x 1,75cm. < Fonte: [https://www.infopedia.pt/\\$frida-kahlo,4](https://www.infopedia.pt/$frida-kahlo,4). Acesso em: 20 de março de 2017 >**

Além do processo de recuperação dos traumas trazidos pelo acidente, casou-se com Diego Rivera e foi traída por ele com a sua própria irmã. Frida passou um momento retratando os acontecimentos de sua vida em quadros cada vez menores, porém suas obras ainda eram fortes, expressivas e marcantes.

Com o tempo, reflexos de seu acidente ainda a assombravam, fazendo com que problemas na coluna piorassem drasticamente e fizessem Frida ficar presa em vários coletes de aço e gesso para sustentá-la. Nessa época, ela pintava retratos sobre si mesma e sobre o comunismo, movimento político pelo qual tinha muita afeição.



**FIGURA 7 – Frida Kahlo (1944). A coluna partida. Tinta óleo sobre tela. < Fonte: [https://www.infopedia.pt/\\$frida-kahlo,4](https://www.infopedia.pt/$frida-kahlo,4). Acesso em: 20 de março de 2017. >**

Quem dera pudéssemos voltar à infância, que a dor e o medo não predominassem dentro de nós. A artista Cláudia Tavares, com a série de fotografias “Vestida de Infância”, de 2010, resgata e registra essas memórias do passado feitas com vestidos que ela usava em sua infância e que foram ganhados de sua mãe. O vestido trazia a segurança e a leveza da infância vivida pela artista, que já não conseguia vesti-los por estar adulta e, conseqüentemente, os vestidos estarem pequenos para o seu corpo. Há um mergulho no inconsciente e um encontro emocional nesses pequenos objetos, que fazem a artista tentar recriá-los, construindo pequenos carimbos dos bordados e registrando na sua própria pele. Aqueles vestidos podem não caber mais em seu corpo, mas sempre estarão registrados no seu ser.



**FIGURA 8 – Cláudia Tavares (2010). Averso. Impressão em papel de algodão com tinta mineral. 100cm x 70cm. < Fonte: <http://www.claudiatavares.com/vestida-de-infancia-ensaios-sobre-a-imponderabilidade/>. Acesso em: 20 de março de 2017.>**

A saudade de você é tão grande, mas às vezes sinto que isso me muda por dentro também, que de alguma forma a sua falta me fez ver coisas que eu jamais veria. De certa forma, a sua ausência me deu forças pra continuar a seguir com esse projeto. Eu só preciso libertar nossas memórias pra escrever uma nova história, da mesma maneira que a documentarista Petra Costa sente a ausência de sua falecida irmã, Elena, produzindo um documentário que retrata os vestígios deixados durante sua vida e que foram esquecidos com o tempo. Elena marcou a história da autora e de sua família, tanto nos momentos em que interagiu com eles, quanto na sua partida, na mudança de seus familiares e conhecidos após a notícia, além da interferência na vida artística de Petra, fazendo com que todos seus conhecidos ficassem com receio de que a história trágica se repetisse com ela, já que Petra segue, inconscientemente, os mesmos passos da irmã.

Vasculhando caixas de cadernos antigos, encontrei um que eu nunca tinha visto. A letra se parecia um pouco com a minha. O que li em suas páginas me dizia respeito de forma assustadora. Falava das angústias mais íntimas que eu estava vivendo, mas que não encontrava palavras para expressar. Vi ali meus desejos e inseguranças na arte, os conflitos amorosos, a tensão com os pais e encontrei, em cada palavra, a estranha sensação do duplo, de sentir que minha vida já havia sido vivida por outra pessoa e de que meus passos já estavam traçados. Como se eu, embora até então achasse o contrário, não tivesse nenhum controle sobre meu destino. O diário era de Elena. (Palavras ditas por Petra Costa sobre o documentário “Elena”. Acesso em: <http://www.elenafilme.com/imprensa/a-arte-de-transformar-a-dor/>)





**FIGURA 9 – Imagem retirada do documentário “Elena” de Petra Costa (2012). < Fonte: <http://www.elenafilme.com/>. Acesso em: 20 de março de 2017.>**

A diferença entre mim e Petra é que você só resolveu fazer uma longa viagem sem rumo. Talvez pra sair mostrando o que é a vida sem você, pela saudade ou pra darmos valor às coisas pequenas da vida. Gostaria que você entendesse que esse trabalho não se trata somente de lembranças passadas, mas vividas, como quando o Nando Reis escreveu a música “All Star” a fim de ilustrar sua amizade com a artista Cássia Eller:

Estranho é gostar tanto do seu All Star azul  
 Estranho é pensar que o bairro das Laranjeiras  
 Satisfeito sorri quando chego ali  
 E entro no elevador  
 Aperto o 12 que é o seu andar  
 Não vejo a hora de te reencontrar  
 E continuar aquela conversa  
 Que não terminamos ontem  
 Ficou pra hoje. (Trecho da música “All Star”. Acesso em: <https://www.lettras.mus.br/nando-reis/47559/>)

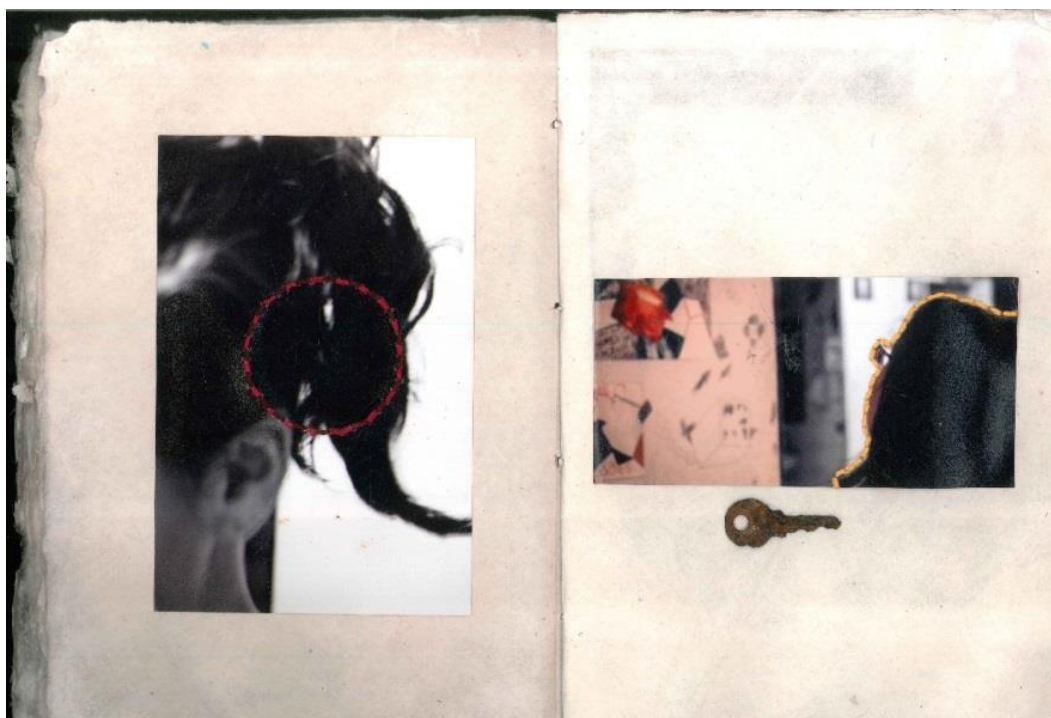
A minha amizade com você é como essa música. Eu também não vejo a hora de te reencontrar, trocarmos experiências de costura e você vir com a mesma brincadeira sem graça de me confundir com a minha irmã gêmea, sendo que não somos nada parecidas.

Por meio desses artistas, percebo que a arte é uma maneira de interligação com a vida. No meio dos resgastes de leitura para a escrita deste trabalho, li em um livro chamado “Experiência e vida”, do escritor John Dewey, que é impossível separar a educação e a vida. Não se deixa de viver para aprender e de aprender para viver. Nesse momento, escrevendo este trabalho, não consigo excluir nossa separação do conteúdo

aqui apresentado. A minha história serve como exemplo para a minha escrita. Dessa forma, a história de vida serve como ferramenta para a construção de obras de artes na própria escola e para a construção de saberes, além de aprender que é possível também participar da história da arte (HERNANDEZ, TOURINHO & MARTINS, 2006, p. 02).

Pensando nisso, corri pra vasculhar em documentos oficiais importantes onde estaria essa relação, mas eram arquivos tão extensos que tive que escolher um segmento pra defender. Então, escolhi o ensino médio, pois foram os anos que mais me remetiam a lembranças de relações e conteúdo, talvez por ter sido o nível básico mais atual que tive. Porém, também reparei que essa teoria não é necessariamente aplicada em um nível em específico, afinal, todo ser humano, independente da época ou do seu desenvolvimento, sente a necessidade de contar as suas histórias, seja explicitamente ou através de pequenos sinais gestuais, artísticos, escritos e etc.

Você sabe que eu nunca tive uma boa relação com a produção artística. Já reclamei muito por não entender como as coisas funcionavam. Sempre gostei de artes; na escola, era a minha matéria preferida, mas, quando entrei no Departamento de Artes Visuais da UnB pela primeira vez, tudo era tão inovador e diferente que chegou um ponto em que eu não conseguia mais entender. Os conteúdos não eram os que eu havia estudado no ensino básico, tudo era muito maior do que eu imaginava. Eu só tinha visto artistas europeus e a Semana de 22 no Brasil, e agora eu não entendia nada! Como pode essa fotografia esquisita? Como pode esse doido aí fazendo performance? Como pode isso ser uma escultura? Por fim, eu me sentia muito mais deslocada do que identificada com algo/alguém.



**FIGURA 10 – Bianca Brivarez (2016). Acepção. Livro de artista. 49 páginas.**

A licenciatura conseguiu me atrair de volta para as artes, pois eu via que a educação podia transformar. Vi professores ensinando arte com muita dedicação e amor. Observava a professora Therese Hoffmann defendendo a arte como uma disciplina transformadora e de reconstrução social; a professora Lisa Minari associando doação, generosidade com arte educação; a professora Luisa Gunter ensinando com tanta descontração, em conversas tão fluidas, que toda aula parecia “conversas de bar”, de tão naturais. Por fim, eu me surpreendia com tanto conteúdo que eu havia aprendido e nem tinha reparado. Por meio dessas professoras, vi como a arte tinha sua importância para educação e para o mundo, eu consegui perceber que a história da arte tinha uma relação direta com as minhas vivências.

Na Universidade, também convivia com colegas que produziam arte com muita vontade e naturalidade. A arte era uma maneira de expressar sentimentos, pensamentos, posições políticas e tudo que se sentia necessidade de dizer e questionar. A primeira artista que vi foi a Kabe Rodrigues, um ser tão impactante e complexo que, a princípio, quis me afastar, mas com o tempo comecei a perceber suas performances, pinturas, fotografias e etc. Tudo era libertador, era história e também me representava. Continuei afastada, mas por uma questão de oportunidade, porém a admiração permanecerá por muito tempo. Outro artista com quem convivi por muitos anos no estágio que fiz no

LEME (Laboratório de Materiais Expressivos) foi o Valdinei Bezerra, que produzia todo o tempo, em diversos cadernos de diferentes formatos; era um meio de registrar acontecimentos, aprendizados e libertação. Ele não sentia necessidade de expor esses milhares de cadernos que produzia, pois ele dizia que fazia aquilo por sentir-se bem. Eu via isso como um diálogo, o caderno era alguém para quem ele contava os seus segredos e expressava o seu verdadeiro eu.

Observando esses personagens e as situações da minha vida, questiono-me se existem documentos na educação que se referem às histórias de vida na educação. Comecei lendo um documento que todos os alunos de licenciatura chamavam de LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Eu achava que era só mais uma sigla, afinal, eu estudava em uma universidade em que tudo tinha apelidos com siglas, como o IdA (Instituto de Artes), FD (Faculdade de Direito), BCE (Biblioteca Central) e etc. Só com o tempo percebi que aquilo era bem importante e que eu deveria ter mais conhecimento.

O primeiro contato foi a LDB, logo no Título II (Dos Princípios e Fins da Educação Nacional). Em um dos tópicos diz: “X - valorização da experiência extra-escolar”, ou seja, uns dos princípios da educação é valorizar as experiências que são adquiridas por meio das vivências que são trazidas pelos próprios alunos até a escola.

O segundo contato que tive foi o PCNEM (Parâmetros Curricular Nacional Ensino Médio - 2000); lá diz que a educação em artes busca o sensível cognitivo por meio do conhecimento humano, ou seja, o raciocínio e a apreciação do que é artístico deve ser para uma reflexão sobre a história do estudante e o contexto da sociedade humana.

No documento também é utilizado o termo “estética”; essa palavra é tão complexa e com tantos sentidos que sempre tive medo de utilizá-la em qualquer situação. Até que descobri que a sua origem é grega e significa “sentir” – muita coisa fez sentido. O PCNEM (Brasil, 2000) diz que as experiências estéticas do ser humano vêm em vários contextos de seu existir, sua sabedoria e da sua identidade e por esse caminho eu aprendo e me humanizo.

Não só nas aulas diversas que tive na escola, mas desde a minha infância, quando produzia um simples desenho ou quando catava objetos na rua. Como quando uma pessoa escreve um diário, há uma necessidade de criar, colher e registrar momentos da sua vida. Nesse instante, eu sinto a necessidade de escrever, aprender e contar a nossa história.

Uma das particularidades do conhecimento em Arte está no fato de que, nas produções artísticas, um conjunto de ideias é elaborado de maneira

sensível, imaginativa, estética por produtores ou artistas. De diversos modos, esse conjunto sensorial-de-ideias aparece no produto de arte enquanto está sendo feito e depois de pronto ao ser comunicado e apreciado por outras pessoas. Esse conhecimento, essa sabedoria de expor sensibilidades e ideias estéticas na obra de arte é aprendida pelo produtor de arte ao longo de suas relações interpessoais, intergrupais e na diversidade sócio-cultural em que vive. (Brasil, 2000, p. 48. Acesso em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf))

Ou seja, as nossas emoções e vivências são elaboradas e criadas por pessoas produtoras de artes, que alcançam e contagiam seus apreciadores, considerados, portanto, participantes da produção de arte e de sua história (Brasil, 2000). No caso, esses produtores de artes são o próprio aluno e, seus apreciadores, os seus colegas de turma, como acontece comigo no curso de artes quando observo os meus professores e os meus colegas de curso.

O PCNEM (2014) separa o estudo das artes em três competências e habilidades a serem desenvolvidas no Ensino Médio. A primeira é “Representação e Comunicação”, ou seja, o estudante deve desenvolver produções artísticas coletivamente e/ou individualmente, além de apreciar as várias linguagens artísticas, desenvolvendo a apreciação e a análise estética.

A segunda é a “Investigação e compreensão”, o aluno deve analisar, refletir e compreender os diferentes processos das Artes, os diferentes instrumentos materiais, sendo manifestações sociais, culturais e históricas, além disso, também deve compreender critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins, como os filosóficos, sociológicos, semióticos, científicos e etc.

O terceiro é chamado de “contextualização sociocultural”, que busca levar ao estudante a proposta de analisar, refletir, respeitar e preservar as diversas manifestações de Arte, das suas diversas formas, sendo utilizada em diferentes grupos sociais e étnicos, interagindo com os patrimônios nacionais e internacionais, que se deve conhecer e compreender em sua dimensão sócio-histórica.

O que isso tem a ver? Todos esses pilares são a proposta deste trabalho! Afinal, o aluno deve trabalhar em conjunto para construir novas relações e aprendizados, e também deve conhecer novas propostas estéticas e da história da arte, para desenvolver novas perspectivas visuais e cognitivas, além disso, também deve conhecer sua dimensão sócio-histórica, compreendendo a história da arte e desenvolvendo o lado artístico e cognitivo. Paulo Freire afirma que “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (PORTILHO, BARBOSA & FILHO, 2015, p. 02), logo, se unir a história do próprio

indivíduo e o desenvolvimento de um conhecimento já adquirido, isso pode resultar na produção artística por meio da união dos dois. A consequência será a compreensão do que foi estudado e um sentido mais amplo para o que já foi vivido.

O corpo parece ter dado um suspiro, parece que estou me aproximando do meu objetivo. Esperando me aprofundar mais na educação, olhei no Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio do Distrito Federal (CEMEM) propostas que poderiam se encaixar na minha teoria e levei um baita susto! Primeiramente, a proposta curricular é dividida em: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. A disciplina de Artes se apresenta no tópico “Linguagens”, o que a princípio parece maravilhoso, mas, então, descobri que não há uma especificação, sendo tratada como Artes Visuais, Produção Audiovisual, Design, Cênicas, Arquitetura, Dança e Música. Ou seja, várias ramificações.

O próprio currículo explica que essa separação tem por objetivo organizar a compreensão das línguas e das linguagens na medida das esferas discursivas, ou seja, didáticas, políticas, artísticas, científicas e etc., além dos novos e variados tipos e graus de letramento, legitimando a sensibilidade, corpos, movimentos, percepções, sentimentos como unidades importantes na construção de conhecimentos e aprendizagem.

Assim como o PCNEM, o CEMEM também tem suas separações e complicações. O documento é dividido em três módulos, que contêm temas diversos. Esses temas tratam de períodos da história da arte, artes internacionais, história da arte no Brasil, culturas diversas, teatro, design, arquitetura, música e dança.

Dentre esses temas, o que mais se destacou para o assunto especificamente tratado aqui foi o módulo 1, nomeado “Multiletramento, criatividade e movimento”. A ideia desse módulo é tratar dos conteúdos como uma maneira de submeter-se à convicção de que o movimento pode ser algo além do corpo físico e se expandir para a relação entre as pessoas, por meio da natureza e da cultura, de maneira dialética e recursiva, movimentando-se com as condições humanas de criatividade. Além disso, o 1º ano desse módulo traz o tema de artes visuais como uma introdução à disciplina, trazendo propostas de desenvolver o conceito de arte por meio da memória e da construção histórico-social do aluno, reforçando o que é dito na definição do módulo.

A essa altura eu já estava cansada de ler e tentar entender esse universo burocrático dos documentos da educação brasileira. Eu já estava perdendo o meu rumo, pois só conseguia lembrar de você rindo da minha cara emburrada por você, mais uma vez, fazer piada com as minhas semelhanças com a minha irmã. Lembro-me de você

andando tão devagar, arrastando os pés no piso não asfaltado da casa que vivíamos. Quase consigo ver as pedras abrindo caminho para os seus pés presos por uma sandália de borracha. Consigo ver o seu olhar perdido na linha azul fina do horizonte. Acho que você só queria se libertar mesmo.

Tentando não me entregar ao seu olhar vago, tento pensar em como abordar essa história em sala de aula. É tão difícil falar nesse assunto, que devo reconhecer que o currículo se preocupa em apenas estabelecer temas em que deverão ser estudados em sala de aula, mas não mostra como esses temas devem ser abordados especificamente. Então, a história entra apenas como uma ferramenta para interligar esses temas e a me auxiliar para alcançar esses conhecimentos com mais facilidade.

Vygotsky, em seus estudos, diz que há maneiras de criar situações para facilitar o aprendizado de um sujeito e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento. Chama-se zona de desenvolvimento proximal, ou seja, é criada uma “zona”, que podem ser pessoas ou determinadas atividades, que servirá como uma ponte para chegar até o aprendizado. Essa “zona” é uma maneira de simplificar um conhecimento que não faça parte de uma realidade ou que seja complicada de visualizar pelo estudante. Nesse caso, as histórias de vida seriam essa zona, que serviriam para ser uma ponte para se alcançar determinados conhecimentos da história da arte.

Por exemplo, no 1º ano do segundo módulo do Currículo em Movimento do Ensino Médio, no tema “Linguagens”, propõe-se que sejam estudadas as relações entre as novas tecnologias e as produções artísticas. Uma sugestão seria, por exemplo, trabalhar com os alunos o surgimento dos autorretratos do Renascimento até o século 21, questionar à turma se eles já fizeram algum autorretrato e como eles fizeram para que o retrato se destacassem e representasse sua história e sua personalidade.

Há diversas possibilidades que podem ser construídas por meio da história da arte, das técnicas artísticas, das diversas formas de expressão e etc.

Então, como um estalo, surge a ideia de construir a minha própria obra de arte com as lembranças contadas aqui e os aprendizados que adquiri. Corro para a sua casa para roubar mais algum souvenir que acho por esses caminhos, mas também materiais que eu possa utilizar nessa nova artimanha.

## Capítulo 4 - Acepção

Arte nem sempre precisa de motivos, as vezes só precisa fazer as pessoas felizes. (“Fricção Histórica.” *Steven Universo*. Cartoon Network. EUA. 21 de Dezembro de 2015. Televisão.)

Há, aqui, memórias que quero sentir e guardar. Mas também estão as que eu não quero nem mesmo pensar. Registros pessoais, fragmentos do tempo, grão de memória, cheiro de saudade.

Lembrei-me dos seus livros que ficavam sempre descansando em cima daquele móvel antigo; não me lembro de você os lendo, por isso, nunca sei se você realmente os lia. Recordo-me de um deles, que era encapado com um plástico xadrez azul marinho e branco, o mesmo plástico que nós utilizávamos para encapar os vários livros de escola. Você dizia que aquele livro era a sua fé, que tudo que você acreditava estava nele. E você partiu levando aquele livro e o mistério: qual livro seria aquele que você tomou tamanho cuidado para preservar e ler tão religiosamente?



**FIGURA 11 – Bianca Brivarez (2016) Criado Mudo.**

Nesse instante, pensei em tudo que escrevi e me recordei, e logo percebi que John Dewey estava certo, afinal, todas as memórias são momentâneas e estão constantemente



se reconstruindo. Como um ato desesperado, começo a unir o máximo de memórias e aprisioná-las em diversas folhas artesanais que estavam amontoadas nas gavetas daquele móvel velho que você deixou pra trás; começo a costurar as fotografias da minha história, a registrar os caminhos percorridos, os objetos sobreviventes resgatados nas ruas e nos entulhos que percorro nas minhas diversas rotinas, histórias da infância, sentimentos e tudo que posso colocar ali.

Esse ato não é espontâneo, afinal, eu tenho tanto apreço pelo que foi vivido que cuido de cada página com muito cuidado. Sou tão metódica que não seria nesse momento que abandonaria essa característica do meu ser. Logo, cada página é vista com tamanha delicadeza, tratada como se fosse a própria memória materializada.

Por um momento questiono quais seriam as funções e definições desse livro. Pode ser uma soma, diminuição ou acréscimo, um meio de informação, entretenimento, documentário, registro, união, mediação, autenticação, interpretação, fazer refletir e etc. O livro não é somente um objeto, é um meio de expressão do pensamento humano. Segundo Ana Paula Mathias de Paula (2010), o livro é uma revolução dirigida ao discurso e à permanência.

Então este livro não é apenas registro, é uma oportunidade de compreender todos os conhecimentos que adquiri durante a escrita deste trabalho, a sua despedida e todos esses resgates de histórias.

Meu livro deixa de ser apenas um caderno de registros, é um livro de artista, pois ele se diferencia pelo seu conteúdo, seu discurso e/ou sua proposta visual. Eu até posso me apropriar do conjunto básico da construção do livro, sendo: objeto, capas, costura, papéis, tipos de papéis, conteúdo dos papéis e formato. Porém, o livro não precisa ser necessariamente no formato tradicional, que são fôlios costurados e envolvidos por uma capa. Ele pode se desconstruir e ter novas perspectivas.

Tudo até alcançar o estatuto da escultura, forma objeto, lúdica ou sensorial, revendo a condição formal, clichê e linear do livro. Pode aparecer em tiragem limitada, única ou, menos usual, seriado. Artesanal por vocação, se aplica alguma tecnologia é sempre a serviço da inventividade. (PAIVA, 2010, p. 86)

Quando termino de construir o livro, não entendo muito bem o que ficou. Não sei se você um dia chegará a vê-lo, mas, para descrevê-lo, ele é um livro com a capa de tecido, aquele tecido de algodão que amávamos costurar, lembra-se? Usei um vermelho bem escuro, como aquela camisa que você prendeu na maçaneta da porta e acabou

rasgando. O cobri na capa e contracapa com ele. As folhas são daquela época em que você fez uma oficina e guardou um monte nas gavetas, tinha medo de usá-las e estragá-las. Peguei as poucas fotografias que tinha na caixinha de lembrança e os pequenos objetos que capturei e coleí por todo o livro. No início, tentei forçar e contar a história do princípio, mas depois entendi como isso não seria possível, pois reparei que não conseguiria lembrar de quando ou de onde eram aquelas memórias.

Tento puxar do fundo da memória todos os mapas de lembrança que tinha dos meus percursos e costurá-los naquelas páginas. Os pedaços de tecido que utilizávamos nas nossas aventuras de costura, juntamente com as promessas de fazer bordados com as linhas guardadas que nunca fizemos, também estão presentes, foram coladas no fundo das fotografias e objetos, como se fossem coadjuvantes dessa história. As linhas estão encravadas em cada momento, são envolvidas nas fotos, objetos, tecidos, histórias, como você nessa escrita.

O objeto traz as minhas e as histórias de outras pessoas de que me apropriei por meio de desenhos, objetos, frases, cartas, fotografias, registros de viagens, livros, enfim... Todas as evidências esquecidas ou deixadas jogadas na rua, colhi, apropriei-me e ressignifiquei-as.

## **Considerações Finais – A guerra e o grito na gaveta**

Percebo que este trabalho não se trata apenas de histórias de vida e escola, mas é uma imensidão de possibilidades. Também vejo que talvez não tenha trazido tantas alternativas para se trabalhar com esse tema em sala de aula, mas como trabalhar com algo tão pessoal e profundo?

Penso que, a princípio, é necessário haver espaço de fala e liberdade (HERNANDEZ, TOURINHO & MARTINS, 2006). Não tenho propriedade para dizer se essa ferramenta pode ser utilizada em todos os temas propostos pelo Currículo em movimento ou PCNEM, mas posso afirmar que, quando unimos o social, as vivências e a educação, o desenvolvimento acontece. Afinal, como Vygotsky afirma, essas seriam ferramentas que podem ser utilizadas para a Zona de Desenvolvimento Proximal (OLIVEIRA, 1993).

Pode ser que este trabalho seja só mais um registro de aprendizados e histórias vividas, mas foi exatamente o que eu acreditava no início que me movimentou a desenvolvê-lo e enxergá-lo cada vez mais. Tudo que foi relatado foi construído coletivamente, talvez as lembranças não trouxessem tantos significados quando foram vivenciadas, mas hoje elas trazem um peso muito mais significativo para os meus aprendizados.

Toda a minha história de vida começou a partir do momento em que nasci e tive contato com o mundo. Não são somente memórias construídas e colaborativas, mas sim acontecimentos sociais, que têm um peso político, cultural e cognitivo. Por meio disso, a partir do momento que associamos os nossos acontecimentos com os nossos aprendizados na escola, podemos desenvolver trabalhos poéticos que servem como ponte para um aprendizado maior. E, conseqüentemente, desenvolvermo-nos. Aprendemos a partir da nossa história e fazemos parte da história da arte simultaneamente (HERNANDEZ, TOURINHO & MARTINS, 2006).

OPA! Algo acontece. Há um barulho muito alto vindo da minha gaveta, tão alto que dei um grito e pulei da cadeira. É um barulho agudo, com ondulações. A gaveta solta barulhos como se algo estivesse se debatendo na parte de dentro e gritando estridentemente.

Assustada, aproximo-me e puxo levemente a gaveta. Olho pela fresta uma sombra que parecia um inseto que se debatia procurando por liberdade. Abri mais um pouco e ele veio na direção do meu rosto emitindo aquele barulho característico. Aquela cigarra que

eu pensava ter morrido em seu casco havia finalizado a sua metamorfose e pedia por liberdade. Transformamo-nos e libertamo-nos no mesmo percurso da nossa história.

Venho por meio desta pequena conclusão me despedir. Despedir-me de você. Eu vou sentir muita falta das nossas lembranças, dos verões quentes com cigarras berrando nos nossos ouvidos, daquela vez em que pulamos o muro da escola pra fugir da aula de Educação Física e mal sabíamos que, naquele ato nosso, já estávamos nos exercitando. Eu vou sentir sua falta, mas espero que você seja muito feliz na sua nova jornada, pois sei que você lerá esse texto e também vai se transformar, vai sentir, vai refletir, alguma coisa vai acontecer; mas, se aconteceu, é porque foi relevante, tornou-se história e pode se transformar em arte e aprendizado.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Ensino Médio. **Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC / SEF, 2000.

BRASIL. **Currículo da Educação Básica – Ensino Médio do Distrito Federal do ano de 2014**. Disponível em: < <https://issuu.com/sedf/docs/5-ensino-medio>>. Acesso em 04 de dezembro de 2016.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

FERREIRA, Glória, e COTRIM, Cecília. **Escritos de Artistas - anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando, TOURINHO, Irene, e MARTINS, Raimundo. **Aprender história do ensino de arte através da realização de histórias de vida**. Revista da UFG 2 (2006): p. 110-118.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, 2007: p. 413-438.

\_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa-Formação, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

OTANÁSIO, Pâmella. **Memórias: partículas em suspensão**. Brasília, 2015. Dissertação (graduação bacharelado em Artes Plásticas) Instituto de Artes, Universidade de Brasília.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A Aventura do Livro Experimental**. São Paulo: Autêntica, 2010.

PORTILHO, Ana Beatriz, BARBOSA, Iziany Moreira, FILHO, Virgílio Bandeira do Nascimento. **Estágio Supervisionado: As experiências e desafios vivenciados durante a observação acadêmica em um Centro Educacional Infantil na Cidade de Parintins – AM**. Campina Grande: Realize editora, 2015. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO\\_EV050\\_MD1\\_SA25\\_ID573\\_23102015132852.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV050_MD1_SA25_ID573_23102015132852.pdf)>. Acesso em: 05/03/2017

TAILLE, Yves De La, OLIVEIRA, Marta Kohl, e DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 13ª edição. São Paulo: Summus editorial, 1992.

## Referências Eletrônicas

NOLFI, Joey. **Lady Gaga new album: everything we know so far**. Disponível em: <<http://www.ew.com/article/2016/08/17/lady-gaga-next-album-everything-we-know>>. Acesso em 28 de novembro de 2016.

MCKENZIE, Joi-Marie. **Lady Gaga Says New Album 'Joanne' Is 'Absolutely' Influenced by Ex-Fiance.** Disponível em: <<http://abcnews.go.com/Entertainment/lady-gaga-album-joanne-absolutely-influenced-fiance/story?id=42508932>>. Acesso em 28 de novembro de 2016.

ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia.** Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>>. Acesso em 24 de novembro de 2016.

TAVARES, Cláudia. **Vestida de Infância – ensaios sobre a imponderabilidade.** Disponível em: <<http://www.claudiatavares.com/vestida-de-infancia-ensaios-sobre-a-imponderabilidade/>>. Acesso em 24 de novembro de 2016.

REIS, Nando. **Arquivo Aberto - O All Star de Cássia (e o meu).** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/09/1522414-arquivo-aberto---o-all-star-de-cassia-e-o-meu.shtml>>. Acesso em 24 de novembro de 2016.

PESSOA, Fernando. **Passagem das horas.** Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/827>>. Acesso em 27 de outubro de 2016.

ARTE REF. **Individual de Claudia Tavares no Ateliê da Imagem.** Disponível em: <<http://arteref.com/diversos/individual-de-claudia-tavares-no-atelie-da-imagem/>>. Acesso em 24 de novembro de 2016.

FRANZIN, Adriana. **Você conhece Frida Kahlo?** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2016/04/voce-conhece-frida-kahlo>>. Acesso em 27 de novembro de 2016.

COSTA, Petra. **A arte de transformar a dor.** Disponível em: <<http://www.elenafilme.com/imprensa/a-arte-de-transformar-a-dor/>>. Acesso em 27 de novembro de 2016.